

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 18 | Número 2 | Julho – Dezembro 2024
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**ABRINDO CAMADAS PARA O CONHECIMENTO:
ENSAIO IMAGÉTICO DE ALGUNS ÑOKWA DOS YASKOMO WAI WAI**

**ABRIENDO CAPAS DE CONOCIMIENTO:
UN ENSAYO DE IMÁGENES SOBRE ALGUNOS DE LOS ÑOKWA DEL
YASKOMO WAI WAI**

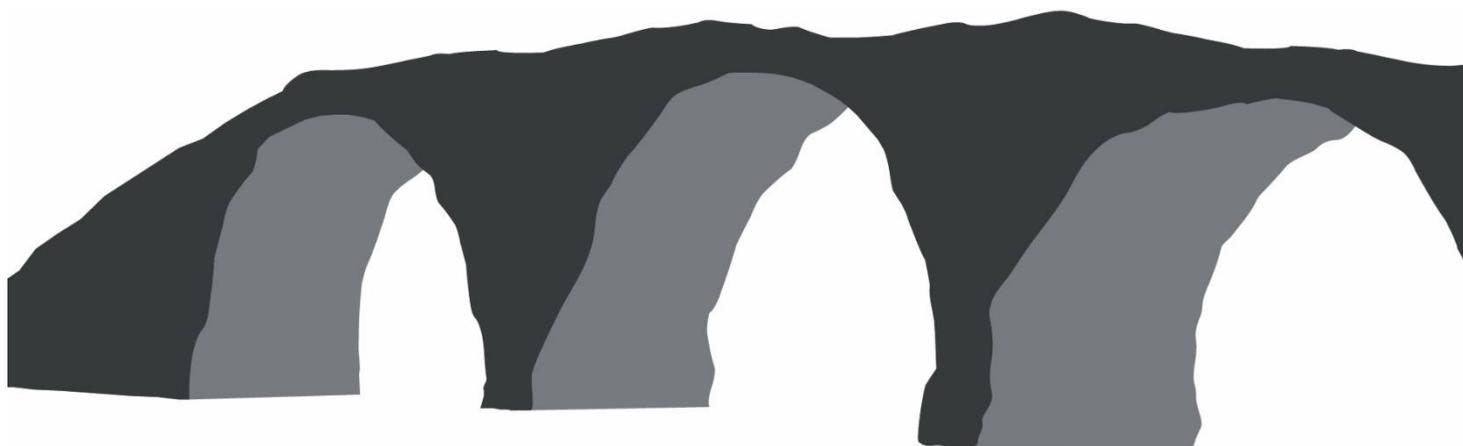
**OPENING UP LAYERS OF KNOWLEDGE:
AN IMAGISTIC ESSAY ON SOME ÑOKWA FROM THE YASKOMO WAI WAI**

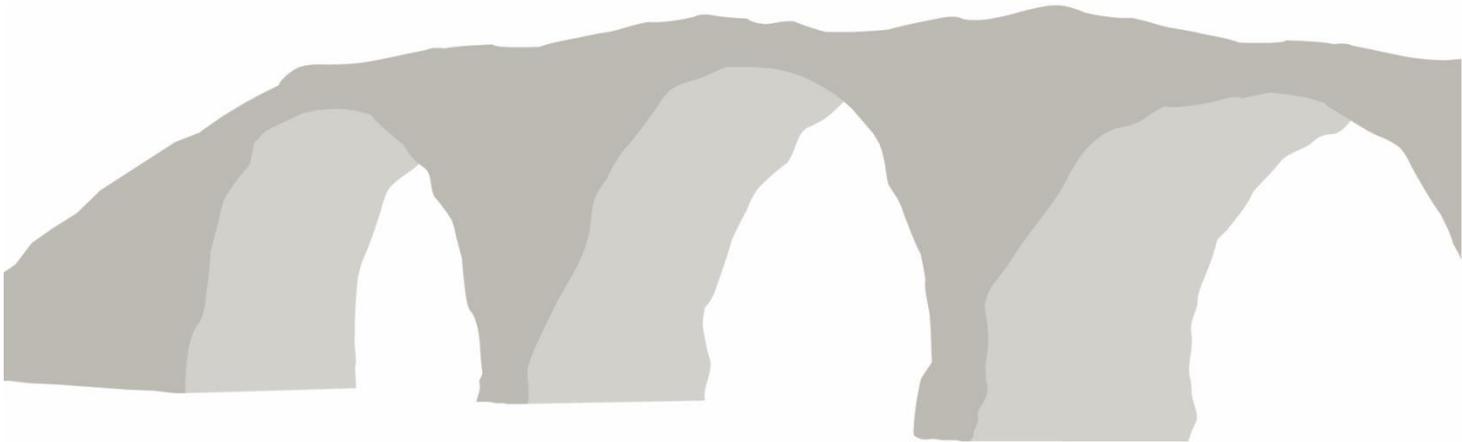
Igor Morais Mariano Rodrigues

Jaime Xamen Wai Wai

Roque Yaxikma Wai Wai

Sarah de Barros Viana Hissa





Submetido em 17/01/2024.

Aceito em: 11/04/2024.

Publicado em 29/07/2024.

**ABRINDO CAMADAS PARA O CONHECIMENTO:
ENSAIO IMAGÉTICO DE ALGUNS ÑOKWA DOS YASKOMO WAI WAI**

**ABRIENDO CAPAS DE CONOCIMIENTO:
UN ENSAYO DE IMÁGENES SOBRE ALGUNOS DE LOS ÑOKWA DEL
YASKOMO WAI WAI**

**OPENING UP LAYERS OF KNOWLEDGE:
AN IMAGISTIC ESSAY ON SOME ÑOKWA FROM THE YASKOMO WAI WAI**

Igor Morais Mariano Rodrigues¹

Jaime Xamen Wai Wai²

Roque Yaxikma Wai Wai³

Sarah de Barros Viana Hissa⁴

RESUMO

Este ensaio fotográfico abre estojos, caixas e caixinhas trançadas dos povos Wai Wai, explorando diferentes camadas de significados para colocar em evidência alguns *ñokwa* (“amuletos”) usado pelos *yaskomo* (“xamãs”). Em pesquisa colaborativa entre pesquisadores indígenas Wai Wai e não-indígenas foram observados e apreendidos alguns significados para essas peças, fotografadas de modo a realçar parte de suas vitalidades.

Palavras-chave: vitalidade artefactual, xamanismo, Wai Wai.

¹ Professor Adjunto do Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Doutor em Arqueologia e Mestre em Antropologia, Brasil. E-mail: igor_mmrodrigues@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4793-8157>.

² Arqueólogo e pesquisador do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena da Universidade Federal do Amazonas (NEAI-UFAM). Mestre em Antropologia, com concentração em Arqueologia pelo PPGAN-UFMG, Brasil. E-mail: xamenwaiwai414@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5236-3100>.

³ Antropólogo da Associação dos Povos Indígenas do Trombetas-Mapuera (APITMA). Doutorando em Antropologia e Mestre em Antropologia pelo PPGAN-UFMG, Brasil. E-mail: rock.way13@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7934-6257>.

⁴ Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), atuando no bacharelado de Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap), Brasil. E-mail: sarah.hissa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1623-8737>.

RESUMEN

Este ensayo fotográfico abre los estuches, cajas y cajitas tejidas del pueblo Wai Wai, explorando diferentes capas de significado para destacar algunos de los *ñokwa* ("amuletos") utilizados por los *yaskomo* ("chamanes"). En una investigación realizada en colaboración entre investigadores Wai Wai e investigadores no indígenas, se observaron y captaron algunos significados de estas piezas, que fueron fotografiadas de forma que se pusiera de relieve parte de su vitalidad.

Palabras clave: vitalidad artefactual, chamanismo, Wai Wai.

ABSTRACT

This photo essay opens up the woven cases, boxes and little boxes of the Wai Wai people, exploring different layers of meaning to highlight some of the *ñokwa* ("amulets") used by the *yaskomo* ("shamans"). In a collaborative study between Wai Wai indigenous and non-indigenous researchers, some meanings were observed and grasped for these pieces, which were photographed in such a way as to highlight part of their vitality.

Keywords: artefact vitality, shamanism, Wai Wai.

INTRODUÇÃO

Após o encontro com o cristianismo ocorrido em meados do decênio de 1950, muitos conhecimentos vinculados ao xamanismo dos povos Wai Wai foram adormecidos e hoje em dia não são revelados com facilidade por aqueles que os detêm. Os indivíduos que ainda sabem disso, em muitos casos, optam por não falar na medida em que foram orientados por missionários evangélicos a esquecer esses conhecimentos, como já mencionado por Ruben Caixeta de Queiroz (1999). É como se essas informações estivessem guardadas em caixas bem fechadas e amarradas para evitar que seu conteúdo seja desvelado com facilidade (Figura 1).



Figura 1. Segredos bem guardados. Caixa trançada fechada e bem amarrada com cordão de curauá. Peça P3 da Coleção Mapuera-Tauini de Protásio Friel, 1949-50, mantida no Museu do Índio do Convento de Ipuarana, Lagoa Seca, Paraíba. Fotografia: Igor Rodrigues (2019).

Aliás, muitos dos materiais que os *yaskomo*⁵ Wai Wai utilizavam em suas práticas de xamanismo costumavam ser guardados dentro de trançados específicos, como no tipo de caixa apresentada acima, denominada de forma genérica como *yamata*, ou de forma mais específica como *pakara waray yamata* (“caixa semelhante ao [cesto] *pakara*”), e principalmente no cesto estojiforme de nome *pakara* (Rodrigues, 2022).

O cesto *pakara* costuma apresentar padrões gráficos bicromáticos requintados e exuberantes borlas de penas de determinadas aves, tendo sido considerado uma verdadeira “obra de arte” dos Wai Wai (Yde, 1965). Ainda, ele já foi pensado enquanto um recipiente-miniatura do cosmos, pois pode manter dentro de si coisas provenientes das roças, floresta, rios e céu (Howard, 2001). Sendo composto por um cesto-marido, que corresponde à tampa, e um cesto-esposa, que é o recipiente, além de belo o *pakara* é sem dúvida o mais

⁵ *Yaskomo* é um termo da língua waiwai que pode ser traduzido como xamã ou pajé. Conforme Fock (1963), *yaskomo* é uma palavra composta por *yasî*, que significa “poder supernatural” ou “mágica, mais o termo *komo*, que é um sufixo coletivizador.

complexo cesto de ser produzido, seja pela quantidade de vegetais necessários para sua elaboração, seja pela diversidade de motivos gráficos que compõem suas tramas, cujos padrões antigamente contribuíam para potencializar diferentes tipos de *ñokwa* (“amuletos”) mantidos dentro de seu corpo (Rodrigues, 2022). Sabe-se, por exemplo, que alguns motivos, como o do escorpião (*cikiri*) apresentado na Figura 2, tornava os *ñokwa* guardados dentro do *pakara* ainda mais fortes, afinal, o escorpião é um ser feroz (Rodrigues, 2022).



Figura 2. Abrindo um *pakara* cujo cesto-marido apresenta o desenho do escorpião. Peça P2 da Coleção Mapuera-Tauini de Protásio Friel, 1949-50, mantida no Museu do Índio do Convento de Ipuarana, Lagoa Seca, Paraíba. Fotografia: Igor Rodrigues (2019).

COMO REVELAMOS ALGUMAS CAMADAS DE SIGNIFICADOS DOS ÑOKWA

Agora que já começamos a abrir um pouco esses trançados, expondo parte das camadas de conhecimentos que temos sobre eles, antes de destacar a vitalidade de alguns *ñokwa* cabe esclarecer que a construção do entendimento aqui exposto ocorreu de forma conjunta ao longo de meses de convivência dos autores em Belo Horizonte, no ano de 2019. Para cursar as disciplinas de Pós-Graduação na Universidade Federal de Minas Gerais, Jaime e Roque moraram alguns meses na casa de Sarah e Igor, período em que puderam se aproximar e dialogar mais sobre suas pesquisas em Arqueologia e Antropologia. Na época, Igor estava em meio a sua pesquisa de doutorado sobre os trançados dos povos Wai Wai do Mapuera, incluindo o estudo de coleções etnográficas (Rodrigues, 2022). O compartilhamento das imagens e informações dessas coleções históricas com Jaime e Roque suscitou muitas revelações e questionamentos que também foram produtivos para seus

respectivos trabalhos de mestrado (J. Wai Wai, 2022; R. Wai Wai, 2022), visto que ambos trataram de conhecimentos e saberes antigos de seu povo. Sarah, por sua vez, além de colaborar com a pesquisa de Igor nos museus, participou de muitas das conversas sobre os *ñokwa* e, por ter experiência em trabalhos sobre fotografia e arqueologia (Hissa, 2008, 2015, 2020, 2022, 2023; Hissa & Jacques, 2023), propôs a produção de fotografias que pudessem trazer movimentos para esses pequenos amuletos, de modo a expor algo de suas vitalidades.

Como dito por Jaime Wai Wai (2022), fazer pesquisa conjuntamente com os não indígenas é sempre bom, pois eles são muito curiosos e fazem diversas perguntas que os próprios investigadores indígenas por vezes não fazem. Deste modo, o esforço coletivo da pesquisa faz com que todas as pessoas envolvidas adquiram informações e reflitam sobre conhecimentos de seus próprios interesses. Por outro lado, como exposto por Rodrigues (2022), contar com a colaboração de Jaime e Roque foi fundamental não apenas para superar a barreira do idioma, pois o fato de serem pesquisadores os torna capazes de traduzir também os conceitos e a importância das investigações, fazendo com que os anciões detentores de conhecimentos compreendam os propósitos e valores das pesquisas, sendo sensibilizados sobre a importância de resgatar e registrar parte de seus saberes.

Destacamos, portanto, que muitas das percepções aqui expostas ocorreram graças à colaboração de pesquisa entre indígenas e não indígenas, cujo ensaio fotográfico apresentado fez parte de um processo de aprendizagem coletivo, contribuindo também para uma primeira síntese sobre a diversidade dos *ñokwa* apresentada em São Paulo (Wai Wai *et al.*, 2019). Aqui, procuramos narrar também com a escrita o processo de compreensão de algumas dessas peças.

A ideia de realçar a vitalidade desses amuletos por imagens se baseia também na compreensão de que a materialidade entre os povos Wai Wai do rio Mapuera é interpessoal, multitemporal, e envolve a transformação de corpos e seus princípios/energias vitais (*ekatî*), pressupondo o reconhecimento de qualidades e personidades de diversos materiais, assim como os vínculos que eles possuem com muitos outros seres visíveis e invisíveis (Rodrigues 2021, 2022). O presente ensaio abre algumas caixas trançadas de modo a explorar as camadas das vitalidades desses pequenos e potentes seres, conhecidos como *ñokwa*, que costumam ser muito bem guardados.

SOBRE ALGUNS ÑOKWA

Boa parte das relações cosmopolíticas que os xamãs/pajés (*yaskomo*) Wai Wai estabeleciam com diversos seres envolvia algum tipo de *ñokwa*, termo que estamos traduzindo aqui como “amuleto” em linhas gerais, mas que pode ser também chamado de “talismã”, como posto por Caixeta de Queiroz (1999, p. 281, nota 27). Ainda que um dos principais estudiosos sobre religião e sociedade Wai Wai tenha traduzido a palavra *ñokwa* como *magic stone* (Fock, 1963, p. 27, 126), ou seja, “pedra mágica”, sabe-se hoje em dia por diversos estudos (ex. Jácome & Wai Wai, 2020; Jácome, Rodrigues & Wai Wai, 2023; Rodrigues, 2022; Rodrigues & Wai Wai, no prelo; J. Wai Wai, 2017, 2022; R. Wai Wai, 2022) que *ñokwa* não se restringe às pedras. Eles podem ser de sementes, madeiras, cerâmicas, unhas e ossos de animais, cigarros, dentre outros materiais, incluindo até mesmo os que consideramos arqueológicos, podendo ainda ultrapassar a dimensão material, como na forma de determinadas músicas que são parceiras de espíritos auxiliares dos *yaskomo*. De acordo com o sintetizado por

Jaime Xamen Wai Wai (2022), tudo o que tem poder e tem segredo, ajudando na comunicação do *yaskomo* com diversos espíritos, pode ser *ñokwa*.

A maioria dos *ñokwa* costumava ser guardada dentro de caixinhas trançadas específicas, denominadas de *yamataci*, “caixinha”, ou *ñokwa yen*, “recipiente de amuleto” (Figura 3).



Figura 3. Caixinha fechada, que vitalidade você guarda? Fotografia: Sarah Hissa (2019).

Estas caixinhas ficavam dentro de diferentes cestos e caixas trançados, como ilustrados na Figura 1 e na Figura 2. Em resumo, *ñokwa* são seres potentes que ficavam guardados dentro de diferentes corpos trançados e foi exatamente a partir do conteúdo presente em uma caixa trançada semelhante à da Figura 1 que a colaboração que culminou neste ensaio começou a ganhar forma.

Em maio de 2019, após obter imagens de algumas peças da coleção Wai Wai formada por Clifford Evans e Betty Meggers em meados do decênio de 1950, Igor as apresentou para Jaime⁶. Dentre várias peças visualizadas, a peça de número E397403-0 chamou a atenção de Jaime basicamente por dois fatores. Conforme as informações da ficha da peça mantida no *National Museum of American Indian*, essa caixa pertenceu a Yukuma que, além de ter sido um guia fundamental do casal norte-americano em suas pesquisas arqueológicas (cf. Evans & Meggers, 1955), era uma pessoa de quem Jaime já tinha ouvido falar. Dentro dessa caixa havia um “aro de cabeça com penas de tucano, braçadeiras de casca de árvore e também braçadeiras de miçangas com penas de tucano e arara, além de uma semente usada para curar doença” (Rodrigues, 2022, p. 355). Em relação à semente, havia a seguinte informação: “Noz para curar inflamações e feridas: aqueça a noz e a aplique no local dolorido; faz com que a enfermidade seja atraída pela noz e a pessoa melhore”⁷ (Ficha da peça n. E397403-0,

⁶ Infelizmente as imagens dessa coleção que nos foram enviadas só puderam ser usadas para fins de pesquisa, sendo vetada sua publicação.

⁷ Original em inglês: “Nut for healing boils and sores: heat the nut and apply to the sore place; causes it to draw and get well”.

National Museum of American Indian, tradução livre). Muito interessante, mas afinal, que semente é essa? (Figura 4).



Figura 4. *Que semente é essa?* Fotografia: Sarah Hissa (2019).

Ficamos então muito curiosos com isso, mas não sabíamos ao certo o que significava. Dias depois, Jaime estava deitado em sua rede, na varanda da casa de Sarah e Igor, lendo um artigo para uma disciplina de sua Pós-Graduação, quando Roque saiu com uma mochila para limpá-la, chacoalhando-a para sair o resto de farinha que permanecia em seu interior. Durante o movimento caíram algumas coisas de dentro da mochila. No meio disso, havia uma semente parecida à que Jaime tinha visto dias antes na coleção mantida no referido museu norte-americano. Ao ver a semente, Jaime disse a Roque para mostrá-la ao Igor, pois ele tinha visto a imagem de uma semente assim no museu. Com a semente em mãos, Igor, Jaime e Roque a compararam com a imagem da “noz” que estava dentro da caixa de Yukuma, mantida no *National Museum of American Indian*, e perceberam que ambas eram muito semelhantes (Figura 5).

Ao ser questionado sobre o que se tratava, Roque disse que essa semente tinha sido dada por sua avó Wahciki, mãe de Jaime⁸. Mesmo sem saber o nome da semente, Roque sabia que ele tinha que guardá-la bem, pois sua avó tinha usado a semente para curar uma caxumba que ele tinha tido. Roque nos informou que a semente tinha sugado a doença de dentro dele e que agora a doença estava dentro da semente, por isso que ela precisa ser guardada de forma bem protegida, e segue assim até hoje. Caso contrário, a inflamação pode voltar. Além disso, Roque relatou que algumas partes doloridas de seu corpo também foram tratadas por sua avó com o uso dessa semente.

⁸ Jaime é tio de Roque.



Figura 5. Uma semente para curar. Fotografia: Sarah Hissa (2019).

Posteriormente, Jaime enviou imagens das sementes para sua mãe Wahciki, perguntado sobre o que eram. Wahciki disse que são sementes para curar doença e acrescentou que ela tinha aprendido sobre isso com Wapena, filho de Yukuma, a mesma pessoa que trocou sua caixa trançada e seus pertences com o casal de arqueólogos norte-americanos⁹. Durante a conversa, Poriciwi Wai Wai, marido de Wahciki e pai de Jaime, informou que essa semente se chama *waikiri yatîrî* (“semente da árvore *waikiri*”) e isso é um tipo de *nokwa* que precisa ser encontrado dentro do estômago do *poroto* (“macaco-aranha”) para que possa curar de fato. Se apanhar essa semente diretamente da árvore, ele não funciona como *nokwa*. Ou seja, não basta simplesmente ser a semente de *waikiri*, ela precisa ter sido ingerida antes pelo referido macaco e, mais do que isso, deve ser necessariamente encontrada dentro do próprio corpo do macaco. Se achar nas fezes do macaco também não funciona. A semente de *waikiri* para ser *nokwa* precisa estar necessariamente armazenada dentro do macaco para permanecer quente e também conter um pouco do *ekati* (energia vital) do macaco *poroto*. Nesse sentido, essa semente é o *nokwa* desse macaco e ajuda ele a se proteger de vermes (*akrî*) que podem estar nos frutos que o macaco *poroto* costuma comer. É o *poroto* que transforma essa semente em amuleto. Portanto, esse tipo de *nokwa* não é fácil de ser encontrado, pois nem todos os macacos *poroto* tem ele.

Após isso, percebemos que a noção de *nokwa* ia além da tradução supramencionada de Fock, e que isso não necessariamente é um conhecimento que ficou apenas no passado dos Wai Wai. No caso dessa semente, o conhecimento ainda é mantido nos dias de hoje. A semente *waikiri yatîrî*, portanto, após sair da caixa se revelou *nokwa* (Figura 6).

⁹ De acordo com as informações da ficha do museu, Yukuma recebeu em troca apenas uma lâmina de machado de ferro.



Figura 6. Semente ñokwa sempre viva. Fotografia: Sarah Hissa (2019).

Após conhecer um pouco mais sobre a diversidade de ñokwa, abrimos outra caixinha para compreender o significado de seus conteúdos. Em pesquisa ao acervo do Museu do Índio da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) no ano de 2017, Igor e Sarah registraram a caixinha de número 6704 contendo uma pequena escultura zoomorfa (ver Rodrigues, 2022, p. 357, Fig. 53 A e B). Ao mostrarem as imagens para seus hóspedes e pesquisadores, Jaime foi até o quarto em que estava hospedado e regressou com quatro pequenas esculturas de outros animais, feitas por seu pai em sementes de buriti (Figura 7).

Jaime as mantinha, mas somente após outra conversa com seu pai, Poriciwi, ficou mais evidente que essas pequenas esculturas eram mais do que imagens, eram réplicas do que os *yaskomo* usavam como ñokwa antigamente. Foi necessário trazê-las à tona, tirando-as do lugar fechado em que estavam, para conhecermos um pouco mais sobre elas (Figura 8): *kapayo ñokwan* (“amuleto do tatu”); *pakria ñokwan* (“amuleto do caititu”); *poinko ñokwan* (“amuleto do queixada”); *wayamu ñokwan* (“amuleto do jabuti”).

Além de explicar os nomes, Poriciwi Wai Wai, enquanto neto de um grande *yaskomo* de nome Mapoô (J. Wai Wai, 2022; R. Wai Wai, 2022), informou que esses diferentes tipos de ñokwa tinham usos específicos e que todos eram um meio de comunicação com os “pais” dos respectivos animais, portanto, um de seus “donos”¹⁰. Alguns desses tipos de ñokwa podiam ser usados sozinhos, ao passo que outros precisavam de mais outros tipos de amuletos para funcionar bem.

¹⁰ Para uma discussão sobre a ideia de “donos” em etnologia indígena ver Fausto (2008).



Figura 7. *Quem se acomoda aqui?* Fotografia: Sarah Hissa (2019).



Figura 8. *Liberdade! Prazer, somos réplicas de ñokwa!* No primeiro plano, fora da caixinha: “amuleto do tatu” (esquerda) e “amuleto do caititu” (direita). No segundo plano, dentro da caixinha: “amuleto do queixada” (esquerda) e “amuleto do jabuti” (direita). Fotografia: Sarah Hissa (2019).

Com eles aqui fora da caixinha e posando para a Figura 9, podemos conhecê-los um pouco mais. Da esquerda à direita, temos o *wayamu ñokwan* (“amuleto do jabuti”), usado antigamente para encontrar muito

jabuti nas saídas para a caça. Afinal de contas, os jabutis são muito silenciosos e nem sempre é fácil encontrá-los na mata. Por isso era importante conversar com os pais dos jabutis, para que eles pudessem conceder alguns de seus filhos. Há também o *kapayo ñokwan* (“amuleto do tatu”), usado como remédio para o nosso joelho. Como o joelho do tatu é bom e bem forte, o que permite sempre cavar buracos de forma rápida, esse amuleto ajudava a tirar a dor dos joelhos de quem precisava. Já o *pakria ñokwan* (“amuleto do caititu”) tinha que ser usado em conjunto com um apito específico e com uma semente que se encontra na barriga ou na boca desses porcos-do-mato. Além dessas sementes, podem ser usadas algumas sementes que são encontradas presas nos dedos e pulsos desses porcos. Essas sementes, na verdade, são pulseiras e anéis dos *pakria*. Isso facilitava o *yaskomo* entrar em contato com o espírito do pai dos caititus para facilitar a caça desses animais. Por fim, o *poinko ñokwan* (“amuleto do queixada”) também deveria ser usado em conjunto com um apito específico e com uma determinada semente que se encontra na barriga ou na boca desses porcos-do-mato, facilitando assim o contato do *yaskomo* com o pai desses porcos e, também, propiciando a caça desses animais.



Figura 9. Fazendo pose. Da esquerda à direita: jabuti, tatu, caititu, queixada. Fotografia: Sarah Hissa (2019).

Não é nosso intuito aqui expor todos os detalhes dos usos desses *ñokwa* e, tampouco, detalhar segredos que precisam continuar dentro de caixas específicas. Buscamos apenas demonstrar a importância de se realizar uma pesquisa colaborativa, integrando diferentes caminhos e fontes para compreender melhor um pouco dos segredos dos *ñokwa*. Com esse ensaio fotográfico, esperamos ter demonstrado a importância de explorar conhecimentos que costumam ficar encaixotados e dar mais destaque para a vitalidade de seres além dos humanos.

Ainda, para os pesquisadores Wai Wai é importante aproveitar esses espaços que os *karaiwa komo* (“brancos”) criam para divulgação, pois isso possibilita publicar essas informações e imagens, permitindo que os jovens e as futuras gerações Wai Wai aprendam um pouco sobre esses conhecimentos. Hoje em dia muitos Wai Wai pensam de acordo com a instrução dos missionários de que os *ñokwa* são coisas ruins que precisam ser esquecidas. Mas na verdade, os pesquisadores Wai Wai estão descobrindo que não é assim. Os *ñokwa* são bons

porque auxiliam na medicina, na caça e em outras coisas da vida junto com a floresta (*comota*). Se um dos autores não tivesse usado a semente *nokwa* para se tratar, como ele estaria hoje?



Figura 10. Vocês leitores estão aí vendo a gente! Fotografia: Sarah Hissa (2019).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos pais de Jaime e avós de Roque, Lea Wahciki Wai Wai e Renato Poriciwi Wai Wai (*in memoriam*), por seus ensinamentos, assim como somos gratos à Wapena, filho de Yukuma, que ensinou Wahciki a como adquirir e usar a *waikiri yatiri*. Agradecemos também a Carrie Beauchamp do *National Museum of American Indian*, dos Estados Unidos da América, pelo envio das fotos de algumas peças da coleção de Clifford Evans e Betty Meggers, assim como ao Frei Alexandre Lima do Museu do Índio do Convento de Ipuarana, que autorizou o acesso ao acervo e o uso das imagens. Igor agradece ao CNPq (processo n. 144871/2017-3) e à FAPESP (processo n. 2017/13343-4) pela concessão de bolsas e financiamento da pesquisa de doutorado; Jaime e Roque agradecem também as ações afirmativas da UFMG e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG.

REFERÊNCIAS

Caixeta de Queiroz, R. (1999). A saga de Ewka: Epidemias e evangelização entre os Waiwai. Em Wright, R. (org.). *Transformando os deuses. Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. (256-283). Campinas: Editora da Unicamp.

- Evans, C., & Meggers, B. (1955). Life among the WaiWai indians. *National Geographic Magazine*, 107(3), 329-346.
- Fausto, C. (2008). Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. *Mana*, 14(2), 329-366.
- Fock, N. (1963). *Waiwai: religion and society of an Amazonian tribe*. Copenhagen: National Museum of Denmark.
- Hissa, S. (2008). *O passado presente: a fotografia documental na pesquisa e no pensamento arqueológicos*. Dissertação (Bacharelado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.
- Hissa, S. (2015). A fotografia arqueológica: entre a mimese e a criação. *Habitus: Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, 13, 71-88.
- Hissa, S. (2020). Algumas coisalidades de cacos de vidro arqueológicos. *Revista Iluminuras*, 21, 907-927.
- Hissa, S. (2022). Um lugar de cuidado corporal ao longo dos séculos. *Ponto Urbe*, 2, 1-8.
- Hissa, S. (2023). Mundos Antárticos e experiências austrais. *Revista Vivência*, 61(1), 1-19.
- Hissa, S., & Jacques, C. (2023). Deixado na igreja: da arqueologia a uma estética do lixo recente. *Ponto Urbe*, 31, 1-10.
- Howard, C. V. (2001). *Wrought identities: the Waiwai expeditions in search of the "unseen tribes" of Northern Amazonia*. Dissertação (Doutorado). University of Chicago, Department of Anthropology, Chicago.
- Jácome, C. P., & Wai Wai, J. X. (2020). A paisagem e as cerâmicas arqueológicas na bacia Trombetas: uma discussão da arqueologia Karaiwa e Wai Wai. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 15(3). Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0140>>. [cons. 19 dez. 2023].
- Jácome, C. P., Rodrigues, I. M. M., & Wai Wai, C. (2023). Corpos fragmentados feitos de olhares: perspectivas Wai Wai e Karaiwa. *Revista de Arqueologia*, 36(3), 390-423. doi: 10.24885/sab.v36i3.1106.
- Rodrigues, I. M. M. (2021). Corpos que emergem: vegetais trançados e sua persistência entre os povos do rio Mapuera. *Revista de Arqueologia*, 34(3), 146-177. doi: 10.24885/sab.v34i3.915.
- Rodrigues, I. M. M. (2022). *Tramas da tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera*. Dissertação (Doutorado). Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo.
- Rodrigues, I. M. M., & Wai Wai, J. X. (no prelo / aceito para publicação). Coleções históricas e arqueologia: narrativas Wai Wai do passado recente. Em Hissa, S. B. V., Py-Daniel, A. R., & Jácome, C. P. (orgs). *Arqueologias históricas nos rios Tapajós, Trombetas e Amazonas*.
- Wai Wai, J. X. (2017) *Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil)*. Dissertação (Bacharelado). Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Antropologia e Arqueologia, Santarém.
- Wai Wai, J. X. (2022) *Arqueologia e história das aldeias antigas do rio Kikwo, Pará, Brasil*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.
- Wai Wai, R. Y. (2022). *A Música na Tradição Indígena Wai Wai: uma descrição etnográfica sobre as flautas (raatî)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.
- Wai Wai, R. Y., Rodrigues, I. M. M., Wai Wai, J. X., & Jácome, C. P. (2019). Etnografia de coisas e conhecimentos antigos Waiwai: o caso do ñokwa. Em *Caderno de Resumos da VI Semana Internacional de Arqueologia Discentes* (p. 66). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Yde, J. (1965). *Material culture of the Waiwái*. Copenhagen: National Museum of Denmark.